

## SÓS

**U**M mallogrado *Jornal para Todos*, que para ahi arrastou existencia ingloria, mas honrada, e que rendeu a alma ao Creador no decimo segundo numero, era, tal qual como este, honesto, independente, e absolutamente estranho a todo o *elogio mutuo*, ou parceria de *compadres* ou *nossosamigos*.

O resultado foi a imprensa, salvo umas duas excepções, fazer a conspiração do silencio, só desfeita, e não por completo, á força de protestos, mais ou menos vigorosos, mas sempre justos e dignos.

Deu-se até um curioso caso: o *Diario Illustrado*, no pleno uso dos seus direitos, transcreveu do *Jornal para Todos* um artigo ácerca do valente militar, Mousinho de Albuquerque; pois o *Correio da Noite*, em ar de mofa, censurou a transcripção, pelo simples facto — não havia outro — de ser feita d'um jornal pequeno e em começo.

Alguna coisa realçava, porém, no *Jornal para Todos*; era absolutamente livre de todos os subsídios pecuniarios de vultos politicos, avidos de conservar aparentemente importancias ficticias, e promptos sempre a compensar os prejuizos da falta de venda dos jornaes, que servilmente os defendem; absolutamente livre de todos os interesses, que se traduzem na occupação, mais ou menos digna, de empregos publicos, como premio de serviços jornalisticos; absolutamente livre, finalmente, de todas as transigencias com os dislates, favoritismos despreziveis, inconfessaveis abusos, ou simples provas de pouco juizo de qualquer mandão politico.

Mas para que accentuar miserias vergonho-

sas, filhas da tibieza de caracteres, que todos tão bem conhecem?... o grande caso é que o *Jornal para Todos* foi para a cova, desamparado, pobre, mas digno... de palmito e capella.

Salve o tom jocoso a resvaladora tendencia, que estas singelas observações iam tomando para fustigar mais acremente aquelles que... de tanta fustigação carecem.

Voltemos ao titulo — *Sós*. Aconteceu-nos o mesmo que ao tal periodico de que falámos, a conspiração do silencio effectuou-se á nossa apparição — e muito agradecemos a honraria — se não fosse então seria depois, porque nós, seguindo a velha divisa: *Castigat ridendo mores*, nem os collegas pouparemos, e elles, em geral, pouco magnanimos, não nos perdoarão.

Exceptuamos, é claro, os raros e amaveis collegas, que nos honraram com as suas referencias, aos quaes votamos o mais entranhado reconhecimento.

Pouco nos importam os silencios propositados, visamos um unico alvo: captar os raros homens honrados que por ventura existam ainda em Portugal e esses serem os nossos leitores, que tanto quer dizer, o nosso arrimo e sustentaculo. E continuem a vegetar no opprobrio os fatuos insignificantes, que, á força de bajulação e servilismo, escalam os pingues empregos publicos, que o exausto erario mal póde já pagar.

Pagar?! -

Sim, como quem atira esbrugado osso a matilha esfaimada!



Os estupidos em geral são velhacos, como sendo a velhacaria uma segunda intelligencia.

## SOBRE O JOELHO

Uma folha austera, largou, ha dias, o seguinte bocadinho d'ouro, que condimentou a seu modo, e bem:

«Parece que o governo, depois de sobre o caso ter deixado passar tempo para que esquecesse, se prepara para nomear sub-director da Penitenciaria um politico, sem quaesquer conhecimentos que lhe permittam exercer tal cargo.»

Bravo! Muitissimo bem!

O governo segue uma norma antiga: para a penitenciaria não se manda quem deve ir.

Apoiado!

Para sub-director um politico, e o dr. Francisco Ferraz de Macedo, anthropologo conceituado em todas as Academias estrangeiras, esse, que faça cá fóra os seus estudos, e conceda-se-lhe, por muito favor, lá uma vez ou outra, que os faça oude todos os grandes criminosos deviam estar.

Mas não estão!

— Que me diz você, seu Riso Amargo, áquelle lindo final do primeiro acto da *1.ª questão de dinheiro*, que pelo nome não perca?

— Que lhe hei de dizer, amigo Serapião. Olhe, se fosse em original portuguez tinham-no supprimido, isso com toda a certeza.

— Sim, mas como efa talento consagrado lá de fóra, respeitou-se: a censura é só para os de casa! E aquella dissertação sobre vulgar economia politica, que o pobre Maia tem de impingir ao *público illustrado*?

— Se não a dissesse tão bem, trabalhava o tãção.

— E aquella d'um jornal da noite dizer: — «A abertura do theatro de D. Maria II foi o mais auspicioso possível!»?

— Quanto a isso só gostava de saber o que elle disse da primeira representação da *Estrangeira*, ha bons dezoito annos.

— Cebo!...

A folha, á qual agora, *officialmente* incumbem o grato mister de dizer mal do governo, mister que será totalmente invertido, quando os da sua grei subirem ao poleiro, indignadamente clamou, ha dias, com uma sinceridade que lhe fica a matar, o seguinte:

«Havia um deposito sagrado destinado ao pagamento d'um compromisso de honra — a indemnisação de Berne. Disseram-lhe os seus antecessores, que lhe legaram esse deposito, o fim a que o destinavam, como o disseram ao chefe do Estado.»

Depois argúe osmeticulosos possuidores dos sellos do Estado, de tudo haverem veuido,

hypothecado ou penhorado, *maxime*, esse *sagrado deposito*!

Isto, depois de lealmente terem confessado que haviam posto el-rei ao corrente do caso.

Já m'item em scena o chefe do Estado: era só o que faltava para imitarem em tudo os governamentais, quando estiveram na opposição.

Varios collegas dão a fausta nova, que a todos encherá do mais entranhado jubilo, de irem ser nomeados quatro conegos pelo ministro da justiça.

Honra lhe seja, estava-se sentindo já a falta dos conegos, e ninguem sabe o que se hade fazer ao dinheiro, que abarota os cofres publicos... até já se pensou em addiar a cobrança das contribuições!...

Se fosse o collega das obras publicas, nomeava... cosinheiros.

Era mais substancial!

Commentando o gorado advento da esquadra ingleza ao Tejo de crystal, disse um diário:

«Venha ella!

Para se ver como um regimen recebe aquelles que tem vergonhosamente affrontado o seu paiz.

Se é que não temos que ver alguma coisa peor.»

Alto lá! Tanto o regimen como o povo, que n'elle se remira envaidecido, para serem coherentes, devem receber amavelmente, pelo menos, a esquadra dos *nossos fideis alliados*.

Senão, vejamos: quando foi do *ultimatum*, a veneravel indignação publica desbalisou quantas congeneres houvera ate então.

Um jornal, que tinha nome inglez, substituiu-o immediatamente e encabeçou um titulo patriótico; um ratão que possuía o appellido «Inglez», apressou-se a fazer declarações publicas de que deixava de o usar... etc., etc...

Passam-se tempos e o jornal volta a ter o primitivo nome, e o publico não o despreza por isso; o ratão «Inglez» torna a escrever com todas as letras o *sympathico* appellido, e os amigos e conhecidos não deixam de lhe estender a mão por tamanha integridade de character!

Portanto, venha a esquadra, e quando vier, será recebida consoante os brios e dignidade d'este heroico e glorioso Povo!

Com respeito a uma questão debatida, cogita o conselheiro Eleuterio, aconchegando-se na cama por causa do frio: «não tinha eu mais que fazer senão ralar-me em Valle de Lençoes, a pensar no meio de descobrir os Vales Ultra-

marinos, com o fim de minorar um pouco a situação cruel d'este rico Valle de Lagrimas em que vivemos!...»

Adormeceu... e sonhou que ia concorrer com o sr. Mendonça e Costa a uma vaga existente na Academia Real das Sciencias.



## BICO AUER

Unico premiado com a medalha de ouro na Exposição Industrial Portuguesa Porto 1897

### EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Grande variedade de candieiros e mais accessorios para o BICO AUER

50 - Rua Garrett - 52



A *Vanguarda*, marque lá dois á preta, largava ha dias esta esplendida bisca:

«Entretanto nós, que somos principalmente alvejados no discurso de Salisbury, como d'elle se vê claramente, e da glosa que em todas as linguas lhe tem sido feita, preparamos uma refutação catholica, apostolica, romana do materialismo juridico inglez. E, para que não sejamos accusados de puro platonismo, não mudamos os processos de administração, mas mobilisamos as guardas municipaes.»

Eia! Sus! Está salva a Patria!  
Tal *governança* pimpona,  
Esse bom Povo, idolatre-a,  
Quando não, leva taponá.

Assim deve acontecer,  
Pois governos tão leaes  
Zelam a Patria a valer...  
Só com *gardas mancipaes*.



## Associação das Escolas Moveis pelo methodo JOÃO DE DEUS

Todas as pessoas que queiram cumprir o dever civico de proteger esta associação, a mais util e sympathica de quantas existem no Paiz, podem fazel-o, enviando os seus donativos, por uma só vez ou mensalmente, para o digno thesoureiro, largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º



Outra da *Vanguarda*, e de rachar:

»Não ha entre nós correntes energicas de opinião. Os governos fazem o que querem, e podiam mesmo passar sem o auxilio dos partidos. Diz o proverbio que todos comem palha, mas é necessario sabel-a dar. Não acontece isso com o nosso publico: não é preciso saber-lh'a dar, porque de qualquer maneira a come.

Claro está que, perante um publico assim, não ha necessidade de actos de força, de legislação reaccionaria, de systematicas perseguicoes politicas. Entretanto a preocupação predominante nos nossos homens publicos é a de *fazerem governos de força*. Porque? Para que?»

Porquê:

Que ha de fazer sem dinheiro,  
E sem que o dever contorça,  
Se não ha no mundo inteiro  
Um governo de tal força?

Para quê:

Só assim responde bem  
A' gratidão do povinho,  
Por se encontrar sem vintem,  
E sem credito p'ra... vinho!



Ha uma folha diaria, de grande circulação, que mede a moderação para com os actos pecaminosos de qualquer governo pela facilidade da informação que consegue.

Assim, quando empunhou o pennacho o partido que ora gere, para nosso gaudio e consolo, os destinos patrios, esse curioso orgão da imprensa indigena deu-lhe a matar...

Não se assustem, que não deu de mais!  
Foi amansando, porém, os impetos á medida que as noticias officiaes lhe iam enchendo as columnas...

Em questões de compra e venda  
Nem só o dinheiro vale,  
Mas qualquer coisa que renda.

E a consciencia immortal?  
Volve d'aqui o Gregorio,  
Tambem se troca a metal?...

— Pois isso!

— Então... cebolorio!...

## HONRA E GLORIA!

## Poema avariado em cantos varios

## CANTO III

## APOTHEOSE!

*De como a sombra augusta do heroe transpõe...  
o Arco da Rua Augusta, e chega ao Em-  
pyreo!*

Já a fadiga os membros lhe entorpece,  
E nos braços da Gloria desfallece:  
Sonha o heroe, revendo os tempos idos,  
E de recommear sente pruridos,  
Para mais fama ter e mais consolos  
E ser coroado emfim o Rei dos Tolos...  
Mas a Parca implacavel tudo arrasta,  
Até um lamparina de tal casta!  
Transpõe emfim... a immortalidade!...  
Mas antes em cortejo na cidade  
A turba adoladora se descobre  
Ao som do triste e merencorio dobre.

Entre prantos lá vae o heroe parrana,  
No carro mais soez da Lusitana,  
Até ao Capitolio!... quanto custa...  
Passar de lés a lés a Rua Augusta!...  
Nunca em vida vingára tal empreza,  
Que ainda agora lhe causa atroz surpresa!  
Transposto o Arco, passa o Largo todo,  
E logo... catrapuz, deitam-no ao lodo!

Empyreo colossal, ó digna meta,  
Abre o teu seio a esse heroe pateta!

Transpostas as camadas pudibundas,  
Caminha emfim pelas mansões jucundas,  
Lá vê ao fim cahotica assembléa,  
Como se fóra no Paiz da Areia.  
Preside a velha D. Ostentação;  
A' magna e importantissima sessão  
Assiste toda a côrte apparatusa;  
D. Peralta e D. Presumpçosa  
São dignas secretarias da rainha,  
Que tem por aia D. Parvoinha;  
Homens, temos D. Asno e D. Balofó,  
E outros de igual jaez, igual estofo:  
A côrte do Empyreo da Basofia,  
Onde se encontra asneira em farta copia.  
Arengam-se villezas, dispausterios,  
Irrompem de roldão os improperios,  
Mas assim que o Politico apparece  
Toda a côrte vilissima emmudece.  
A todos reconhece e cumprimenta,  
Com o nojo dá-se bem coisa nojenta.  
O heroe então levanta a voz canora,  
D'esta arte falla á turba que o adora:

«D. Politico sou, heroico e destro,  
Eu tenho a balda certa, antigo sestro,  
De vencer tudo á custa dos Papalvos;  
O fausto e a grandeza, eis os meus alvos,  
Os meios pouco importa, o fim é tudo,  
D'este optimo pensar é que não mudo,  
Tem-me dado fartissimos proventos  
E soprado o meu nome aos quatro ventos»...

N'isto um corcunda gebo, aborrecido,  
Que, um tanto somnolento e distrahido,  
Em surdina cantava certa opera,  
Diz: «o vento de baixo tambem sopra».  
Ao que o heroe responde sobranceiro:  
— Tudo me serve, o caso é dar dinheiro.  
Mas quem és tu, ó entidade asquerosa,  
Que ousas interromper a minha prosa?  
Apruma-se do triste a linha curva,  
E com vibrante voz, que a todos turva,  
E com brilhante aspecto, que fascina,  
E com olhar, que abate e que domina,  
A ponto que estremecem de anciedade,  
Alto exclama: — pois bem, sou a Verdade!  
Se agora me contento simplesmente  
Em rir-me d'este gremio impudente,  
De seus processos vis, de suas manhas,  
Ainda posso arrancar d'estas entranhas  
Um sujo escarro verde e collossal  
Que os abysme da Gloria ao tremedal!

Ao ouvir tal a D. Ostentação,  
Perdida a linha e quasi que a razão,  
Contorce-se, sem ver a Tramontana,  
E grita em finca pé: «que susto, ó mana!»  
Expulsam a Verdade então da sala,  
E a *gran*... rainha logo bota fala:  
«Ha não sei quantos mil e tantos annos,  
Que eu te suppunha vil entre os guanos,  
Fui eu quem a lançou n'um grande poço,  
E combater agora já não posso!  
Eu, quando a vejo, horror! é certo o enguiço.  
Onde ha um salafriario ou um magriço,  
Que deite um bolo áquelle cão tinhoso?!...»  
O heroe, então, sereno e bonançoso,  
Corta o fio do discurso da rainha,  
E lesto arenga assim: «Senhora minha,  
Combato eu em pró da vossa causa,  
Mas dae á dôr a tregua d'uma pausa;  
Se me ajudar a côrte n'esta empreza,  
Desbanca-se a Verdade com certeza!»  
Fala, gritaram todos, commovidos,  
Seremos alliados destemidos.

Mas n'isto extranho som se faz ouvir,  
E uma bomba... de loço vem calibr  
Entre a turba orelhuda e orneante,  
Levando adormecido o heroe-farçante!

A frescura aromatica do lodo  
Desperta o dorminhoco, e dá-lhe a modo

Uma impressão de perduravel somno,  
Queda-se o heroe n'um mystico abandono,  
Pouco a pouco se afunda pela lama,  
Sentindo emfim desfeita a óca fama...

No lodo se *eterniza* apodrecido,  
D'onde nunca devera ter sahido!...

FIM



— Isto de jornaes é uma coisa muito ratona, disse-me outro dia o meu amigo Serapião Mimoso.

— ?!

— Essa é boa, tornam uma pessoa zaranza! Ora imagine você que quer um homem fazer, como o outro que diz, o seu juizo a respeito da marcha governativa, e pega, salvo seja, no *Correio da Noite*.

— O que é que lê? Sim, o que é que lê?

Que este governo, á força de probidade e honradez, de canceiras e mais coisas, etc., tem conseguido alliar á mais estricte economia o progresso absoluto, o fomento, que isto de fomento dá-me vontade de os mandar... mas adeante, e tal e coisas... umas delicias!

Vae, *ó depois*, pega na *Lanterna*, no *Reporter*, no *Tempo*, ou em qualquer outro que não vae á bola da situação e... *ó menino*, que horror!

O presidente e seus sequazes são uma cáfila... de esbanjadores; os dinheiros publicos só correm para as algibeiras dos meninos bonitos; vão emissarios ao estrangeiro com o fim unico de se governarem, e proporcionarem ao governo morphina de esperanças para adormecer mais algum tempo a bancarota final... ora!... etc., etc.

Mas d'estes jornaes todos, que em todas as situações politicas teem por norma accusar os contrarios, e proteger os da sua feição, qual é o espirito de rectidão e justiça?

Quaes são os que teem razão?

Como hade uma pessoa orientar-se, se as informações que colhe a respeito do *mesmo assumpto* são absolutamente *contradictorias*?

Chega um homem *dos Brasis*, e quer saber o estado do Estado; n'uns jornaes lê branco, n'outros preto como carvão... isto referendo-se todos á *mesmissima* coisa!

Mas onde é que está a sinceridade d'estes pandegos!

— A sinceridade é a irmã mais nova da verdade, homem! E quando lhe deitaram a mana ao poço, ha quarenta e dois mil annos e meio,

ella com o desgosto, coitadita, catrapuz, deitou-se tambem.

Sinceridade e politica  
São coisas contradictorias,  
Esta é peste tão mephtica,  
Que nem lhe desejo as glorias.



**Lopes de Sequeira & C.<sup>a</sup>**  
Modas e confecções  
— Sempre novidades —  
RUA AUREA, 285 a 293  
LISBOA



Um collega, nunca as mãos lhe dôam, publicou o seguinte:

«O sr. Ressano Garcia foi nomeado inspector geral dos trabalhos relativos á secção portugueza da exposição em Paris.

Ainda bem.

O sr. Ressano Garcia — saudoso ministro da fazenda — é apenas:

Lente do Instituto Industrial;

Director do serviço das obras publicas da Camara Municipal de Lisboa;

Fiscal da camara junto á Companhia dos americanos, e pago pela mesma companhia;

Director da Companhia das Aguas e fiscal junto da mesma companhia.

Ora vejam, se não era mesmo um dever dar-lhe o logarsinho em Paris!

Era, sim senhor! »

Ora... pois!

Coisa digna de estudo:

Em vez d'um Topa a Tudo,

Temos dois...

Contando bem, ha mais:

Comilões,

Aos milhões,

N'estes tempos fataes!

Por quem sois!

Poupai este Paiz,

Já sem uma de X;

Ora... pois!...

**No proximo numero publicaremos o monologo, em verso, OS GRILLOS, em tempo recitado pelo actor Brazão, no theatro de D. Maria II.**

# THEATROS

Provinciano amigo, querido assignante, e vós leitor conspicuo, deveis ir a D. Maria II, não porque a peça seja um primor em toda a acção da palavra, mas para que observeis como *novos* authenticos, actores de meia duzia de annos, se tanto, arcam distinctamente com o papel da maxima responsabilidade.

Ferreira da Silva, sem a larga carreira do mestre dos mestres dos actuaes actores, João Rosa, já no mesmo theatro e n'uma infeliz, mas esplendida peça, de D. João da Camara — *O Pantano* — havia ganho as suas esporas de ouro, contracenando com o nosso primeiro actor n'uma scena violentissima.

E que admira isso, se Ferreira da Silva co-meçou por onde os outros acabam, estreiou-se distinctamente n'um papel da maior importancia!

Agora, manteve os fóros de artista laureado na parte de *João Giraud*, uma esplendida criação, salvo levissimos senões.

Mello, conceituado actor da velha guarda, muitissimo bem, assim o folego o ajudasse mais.

Posser, tambem actor antigo, como sempre.

Agora os *novos*: Carlos Santos pareceu-nos outro, moderou muito os seus bruscos furores do Gymnasio.

Temos toda a esperanza de que o veremos em pouco tempo perfeito em tudo. Agora já elle tem uma figura agradável, um razoavel timbre de voz, uma dicção quasi absolutamente correcta, já sabe ouvir perfeitamente, e transmite aos personagens, ás vezes demais, o bello fogo da sua promettedora mocidade.

Com boa vontade, como tem, e bom mestre, será em pouco um primeiro actor.

O mesmo poderemos dizer do actor Maia, corrigiu tambem um pouco o sestro de encurvar desmedidamente uma das sobranceiras, pisou o palco mais naturalmente e teve uma dicção magnifica. E' inquestionavelmente bem mais do que uma utilidade theatral.

Os nossos cordeaes parabens a estes sympathicos *novos*.

Esperamos tambem poder louvar Pinto de Campos, inquestionavelmente o merece, mas quando lhe dêem *papel*.

De actrices, cumpre mencionar no logar de honra aquella que occupa a culminancia da arte theatral portugueza, em tudo o merece — Virginia — sempre captivando com a sua voz harmoniosa, figura esbelta e sympathica, physionomia attrahente, e a maior alma de artista que honra os palcos portuguezes!

Não esquece um pormenor, uma inflexão, uma simples intenção, a ella couberam as hon-

ras da noite de abertura, como hão de caber em todas as noites, em todas as peças, em todos os theatros.

Delfinha foi correcta na interpretação da sua personagem, é já conhecida, e não desmereceu o credito em que é tida; Augusta Cordeiro melhorou bastante, foi felicissima no seu papel, moderou tambem o habito de mostrar os magnificos dentes, com que a natureza a favoreceu; Emilia Lopes, como sempre, cuidadosa e apreciavel.

A maior prova do triumpho alcançado pela actual companhia de D. Maria, está em não ter tido signaes de desgarrado de ninguem, quando é certo que não faltava na primeira representação, quem, movido por uma injusta parcialidade, quizesse exercer mesquinhas vinganças.

Pena foi que a escolha da peça não correspondesse aos bons desejos da empresa; urdida quasi toda em dialogos, poucas situações tem emocionantes, apresentando o velho thema — distribuição da riqueza.

Scenario bom, *mise-en-scene* primorosa, elegante disposição de mobiliario.

Melhor fóra que em D. Maria estivessem todos os actores, que deviam estar, e que vaidades e preconceitos, mais ou menos justificaveis, afastaram de lá, mas emfim... tudo o que não ha, se dispensa.



**CHAT NOIR** — Tous les soirs  
**CONCERT**



## Ao conselheiro Ratão

Salvé! Ratão, oh! triumphante escarro!  
Que leve a Fama em tremebundo berro  
A jactancia do teu fatuismo charro  
Da rua dos Vinagres ao Desterro.

A barca Petulancia lançou ferro  
E tu, fantoche de lodoso barro,  
Desembarcaste lesto no Aterro,  
Com pedantismo tal que aqui não narro.

A alvura da tua alma causa espirro,  
E, se *articulas* sons, eu não discorro  
Como distinguem d'essa falla um zurro.

Ratão, és sabio na intrujice, embirro  
Comtigo, mas pela verdade morro:  
Em tudo o mais és um perfeito burro.

# O DIABO COXO

## ROMANCE DE LE SAGE

(Continuado do numero 3)

### II

#### Onde se conta como terminou a fuga de Asmodeu

Notando o demonio que o seu aspecto não havia feito a melhor impressão ao estudante, disse-lhe, sorrindo :

— Ora aqui está ! sr. D. Cleophas Leandro Perez Zambullo, veja o lindo Deus dos Amores, o supremo senhor dos corações. Que lhe parece o meu garbo e a minha formosura ? Os poetas são realmente excellentes pintores ?

— Francamente, respondeu D. Cleophas, são um pouco lisongeiros. Parece-me que não appareceria assim perante Psyché.

— Oh ! decerto que não, volveu o Diabo, tomaria a fórma d'um marquezito francez, para provocar a amor repentino. E' sempre necessario disfarçar o vicio com um exterior agradavel, pois d'outra fórma nada conseguiria. Eu tomo todos os aspectos que quero, podia ter-me apresentado aos seus olhos com a mais formosa e phantastica apparencia; mas já que me entregui inteiramente ao senhor, e que desejo não lhe occultar cousa alguma, quiz que me visse com o aspecto mais proprio da opinião que de mim formam e dos misteres que exerço.

— Não me surprehendeu, disse Leandro, a sua tal ou qual fealdade; desculpe, se faz favor, a palavra; as relações que vamos ter impõem franqueza. A sua phisionomia condiz bastante com a idéa que d'ella havia formado; mas queira dizer-me o motivo porque é coxo.

— E' porque, respondeu o demonio, tive n'outros tempos, em França, uma rixa com Pillardoc, o diabo do interesse. Tratava-se de saber qual de nós dois se apoderaria d'um mancebo que ia a Paris em busca de riqueza. Como era uma excellente preza, um rapaz de grande talento, disputámos tenazmente a sua posse. Batemo-nos a meia altura atmospherica. Pillardoc sahii vencedor, e arremessou-me á terra, da mesma fórma que Jupiter, segundo referem os poetas, fez penhor Vulcano. Por causa d'esta aventura foi que os meus collegas me cognominaram o Diabo Coxo. Deram-me ironicamente esta alcunha, que me ficou desde então. Comtudo, estropeado como estou, nem por isso ando com menos ligeireza. Vae ser testemunha da minha agilidade. Mas, ponhamos ponto na conversa, acrescentou elle. Apresto-nos a sahir d'esta mansarda. O magico virá cá acima, dentro em pouco, para trabalhar na immortalidade d'uma bella sylphide, que vem encontrar-se aqui com elle todas as noites. Se nos surprehendesse, não deixaria de me tornar a metter no frasco, e ao senhor podia fazer o mesmo. Deitemos, porém, pela janella os bocados partidos para que o feiticeiro não se aperceba da minha fuga.

— E quando elle der pela coisa, depois de nos termos ido, disse Zambullo, que succederá ?

— Que succederá ? respondeu o Diabo; bem se vê que nunca leu o codigo que trata d'este assumpto. Mesmo que eu fosse occultar-me nos confins da terra, ou na região onde habitam as salamandras de fogo, mesmo que descesse onde vivem os gnomos ou aos profundos abysmos do mar, não ficaria a coberto do resentimento d'elle. O feiticeiro faria esconjuros tão violentos, que abalariam o inferno inteiro. Por mais que eu quizesse desobedeecer, ver-me-hia obrigado a apparecer, contra minha vontade, perante elle, para soffrer o castigo que me quizesse impôr.

— Sendo assim, commentou o estudante, receio muito que a nossa ligação não seja muito duradoura: o terrivel necromante dentro em pouco descobrirá a sua fuga.

— Isso é que eu não sei, replicou o espirito das trevas, porque nós não sabemos o que está para acontecer.

— O que ? exclamou Leandro Perez, os demonios ignoram o futuro ?

— Está claro, as pessoas, que julgam isso, estão redondamente enganadas. E' o que faz com que todos os adivinhos digam tantas tolices, e levem tantas damas a pratical-as, quando fazem consultas sobre acontecimentos futuros. Não sabemos senão o passado e o presente. Ignoro, pois, se o feiticeiro dará brevemente pela minha ausencia; mas tenho fé que não. Ha aqui muitos frascos eguaes áquelle em que eu estava mettido; não suspeitará de que existe agora menos um. Posso dizer mais: eu estava n'este laboratorio como um livro de direito na bibliotheca d'um financeiro; o magico não pensa em mim e, quando pensasse, nunca me faria a honra de me dirigir a palavra, é o mais orgulhoso bruxo, que conheço. Desde o momento em que me enclausurou, não se dignou fallar-me uma unica vez.

— Que homem ! censurou D. Cleophas. E que fez para assim lhe provocar a colera ?

— Fiz-lhe gorar uma machinação. Havia um logar vago em certa academia, elle queria fazer nomear um amigo, eu queria que fosse outro o preferido, o magico arranjou um talisman formado pelos mais poderosos caracteres cabalisticos, e eu introduzi o meu protegido no serviço d'um grande ministro, que fez com que o talisman de nada valesse.

Depois de assim ter fallado, o demonio apanhou todos os bocados do frasco partido, e deitou-os pela janella fóra.

— Sr. Zambullo, disse então, safemo-nos o mais depressa possivel; agarre-se á ponta da minha capa e nada reciee.

Por mais perigoso que o alvitro parecesse a D. Cleophas, preferiu acceital-o a expôr-se á má vontade do feiticeiro, e agarrou-se o melhor que pôde ao Diabo, que no mesmo instante o levou.

(Continúa)



Ha tempos, a mais honrada folha d'estes reinos, a que mais directamente defende e representa o portentoso governo, que nos anima, despenhava do alto da sua soberana preminencia, estas memoraveis palavras, justificando o redemptor effeito que certas reformas tem produzido:

«... factio evidente, palpavel, no socego e tranquillidade das classes mais importantes, no modo como felizmente o paiz vae fazendo face aos encargos d'uma crise que tantos consideram difficil e mortal.»

A bitola por onde o *liberal* governo, que nos rege, mede os resultados das suas lucubrações é, pois, a tranquillidade das classes mais importantes.

Bravo!

Estamos de accordo!

Resta estudar um tenuissimo ponto.

Quaes sejam as classes mais importantes da sociedade.

Sendo certo, porém, que falta um para o primeiro de todos os jornaes do continente e ilhas, que não tenha appellado para o Povo — sobretudo quando na opposição — é, sem duvida, essa classe, a popular, das mais importantes, senão a mais ponderosa entre todas.

Estando o povo tranquillo,

Continua a reinação:

O Poder digere o chylo,

Que lhe fornece a nação.

Os *afilhados* contentes

Do Paiz fazem asylo,

E vão atolando os dentes,

Estando o povo tranquillo.

Pois, Povo!... deixa-te estar...

Temos ainda aquella lindeza final:

«no modo como felizmente o Paiz...»

Que leria!

Nem vale a pena reparo,

A não ser o atrevimento

D'um desafio tão raro

E tanto... sem fundamento.

«fazendo face aos encargos...»

Mas o Paiz não faz face, faz o contrario, por enquanto, volta-lhe... as costas, enojado.

Pois, visto que frente a frente

Não se atreve a proceder,

Volta-lhe o *verso*, indifferente,

E vae deixando correr...

## A Instrucção do Povo e o Methodo de João de Deus

Com este titulo recebemos um interessante folheto, que encerra tristes verdades, e que muito agradecemos.



Continuamos a publicar com prazer, e agradecemos, as referencias de mais alguns amáveis collegas:

### O Meridional, de Montemór-o-Novo:

#### Ao semanario humoristico O GATO

Bemvido sejas, meu *bichano*;  
muito me agrada o teu *renhau*.  
De vida tenhas muito anno  
e muito, muito *carapau*...

Tenhas tambem bellos *janeiros*;  
tenhas das *gatas* as caricias;  
muitos e muitos *soalheiros*  
sobre o *telhado* a dar noticias...

Dente afilado, unha felina  
para os *ratinhos* de thesouro.  
Toma cuidado co'a tal *menina*,  
a lei d'imprensa... esse *bezouro*...

*Arranha* tudo o que fôr mau;  
sê sempre recto, imparcial,  
*Renhau, miau, renhau miau*,  
Cá tens ás ordens o jornal.

**Correio de Leiria.** — «O Gato. — Publicouse em Lisboa o 1.º numero d'este semanario alegre, destinado a uma longa carreira, pois que, sendo tão habilmente dirigido, não é de esperar outro successo.

Que O Gato, sustentando sempre a sua critica ligeira, tenha longos annos de vida, é o que desejamos.»

**O Chamusquense.** — «O Gato. — Recebemos e muito agradecemos o 1.º numero d'este semanario critico que se publica em Lisboa. Longa vida e muitas prosperidades é o que lhe desejamos.»

**O Gaiano,** do Porto. — «O Gato. — Encetou a sua publicação no domingo passado este novo collega, revista alegre de critica ligeira lisbonense.

Vem cheio d'uma *verve* litteraria, que muito honra os seus redactores.

Ao novel jornal agouramos bons e felizes annos.»

**A Discussão,** de Ovar — «Visitou-nos este delicioso semanario de critica ligeira e independente. Inscere artigos caracteristicos do genero a que se dedica, cheios de *verve* e admiraveis de redacção.

E' interessantissimo e bem merece o bom acolhimento que tem tido, porque não *arranha* ninguem. Agradecendo a permuta, desejamos-lhe longa e prospera vida.»

## EXPEDIENTE

**Pedimos aos nossos estimaveis assignantes da provincia a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos, directamente, para nos pouparem despesas inuteis com o correio.**